

ANTONY BEEVOR

O DIA D CRÍTICA

Tradução

Maria Beatriz de Medina

CRÍTICA

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

SUMÁRIO

LISTA DE MAPAS E ILUSTRAÇÕES	9
GLOSSÁRIO	13
1. A DECISÃO	15
2. COM A CRUZ DE LORENA	28
3. VIGILÂNCIA NO CANAL DA MANCHA	44
4. O ISOLAMENTO DA ÁREA DA INVASÃO	57
5. O ATAQUE AEROTERRESTRE	64
6. A TRAVESSIA DA ARMADA	86
7. OMAHA	100
8. UTAH E OS PARAQUEDISTAS	125
9. GOLD E JUNO	136
10. SWORD	147
11. O FORTALECIMENTO DAS CABEÇAS DE PRAIA	162
12. FRACASSO EM CAEN	180
13. VILLERS-BOCAGE	196

14. OS AMERICANOS NA PENÍNSULA DE COTENTIN.	216
15. EPSOM.	232
16. A BATALHA DO <i>BOCAGE</i>	250
17. CAEN E O MONTE CALVÁRIO	272
18. A BATALHA FINAL DE SAINT-LÔ.	291
19. GOODWOOD	314
20. A CONSPIRAÇÃO CONTRA HITLER.	334
21. OPERAÇÃO COBRA: ROMPIMENTO	351
22. OPERAÇÃO COBRA: INVASÃO.	375
23. A BRETANHA E A OPERAÇÃO BLUECOAT.	389
24. O CONTRA-ATAQUE DE MORTAIN	406
25. OPERAÇÃO TOTALIZE	429
26. O MARTELO E A BIGORNA	448
27. O CAMPO DA MORTE NO BOLSÃO DE FALAISE	465
28. O LEVANTE DE PARIS E A CORRIDA PARA O SENA.	485
29. A LIBERTAÇÃO DE PARIS.	503
30. RESULTADO.	523
 AGRADECIMENTOS	 529
NOTAS	531
BIBLIOGRAFIA SELECIONADA	569
ÍNDICE REMISSIVO	573

LISTA DE MAPAS E ILUSTRAÇÕES

- 1 Os comandantes aliados antes do Dia D (IWM TYR-1631).
- 2 O marechal de campo Von Rundstedt visita a 12ª SS Panzer-Division *Hitler Jugend* (BA 1011-297-1739-16A).
- 3 Rommel inspeciona a Muralha Atlântica (AKG Images).
- 4 Eisenhower com integrantes da 101ª Divisão Aeroterrestre, 5 de junho (AdM).
- 5 Precursores da 6ª Divisão Aeroterrestre sincronizam os relógios pouco antes da decolagem (IWM H39070).
- 6 Uma barça de desembarque da Real Marinha Canadense se aproxima da praia Juno, 6 de junho (NAC/ANC PA-132790).
- 7 Elementos do serviço de saúde americano aplicam plasma em um soldado ferido na praia de Omaha (Getty Images).
- 8 Um enfermeiro com *rangers* feridos no sopé dos penhascos de Pointe du Hoc (NA).
- 9 Parte da 4ª Divisão de Infantaria se desloca da praia Utah para o interior (Biblioteca Robert Hunt).
- 10 O general de brigada Rod Keller e o Estado-Maior da 3ª Divisão de Infantaria canadense, logo depois do desembarque em Bernières-sur-Mer (NAC/ANC PA-115534).
- 11 Prisioneiros alemães dos canadenses levam um soldado ferido de volta à praia Juno (NAC/ANC PA-132469).
- 12 Um tanque Sherman do II Exército passa por Douvers-la-Délivrande (IWM B5267).
- 13 Praia Utah, 9 de junho (AdM).
- 14 O Obersturmführer SS Michael Wittmann com homens do 101º Batalhão Panzer Pesado (BA 101I-299-1802-02A).
- 15 Um sargento do Regimento do Leste do Yorkshire limpa um fuzil de franco-atirador enquanto outro soldado dorme (Getty Images).
- 16 Um soldado americano e um alemão morto nos arredores de Cherbourg, 27 de junho (AdM).
- 17 O 6º Batalhão do Regimento de Fuzileiros Reais Escoceses no início da Operação Epsom, 26 de junho (IWM B5950).
- 18 Sapadores *panzergrenadiers* alemães com detector de minas num tanque Pantera (BA).

- 19 Jovens *panzergrenadiers* da Waffen-SS com um fuzil Mauser Modelo 98 e um lançador de rojões *Panzerfaust* (Archive Photos, Nova York).
- 20 Avanço da infantaria americana pela brecha numa sebe do *bocage* feita por um tanque Rinoceronte (AdM).
- 21 Guarnição de obuseiro americano de 105 mm em ação no *bocage* (NA 111-SC-191933).
- 22 Ernie Pyle, correspondente de guerra, com a 90ª Divisão de Infantaria na Normandia (Millard McKee).
- 23 Dois *panzergrenadiers* da 12ª Panzer-Division SS “Juventude Hitlerista” nas ruínas de Caen.
- 24 Tanques Cromwell aguardam o início da Operação Goodwood, 18 de julho (IWM B7649).
- 25 Goodwood: 1º Batalhão de Guardas Galeses em ação perto de Cagny, 19 de julho (IWM B7759).
- 26 Francesas acusadas de *collaboration horizontale* levadas em desfile por Cherbourg, 14 de julho (AdM).
- 27 Operação Cobra: efeito do bombardeio, 25 de julho (Exército dos Estados Unidos).
- 28 Depois do bolsão de Roncey: foto de Robert Capa do tenente Paul Unger, policial do Exército da 2ª Divisão Blindada, revistando um prisioneiro da SS (Magnum, foto de Robert Capa).
- 29 Um soldado de infantaria exausto dorme na rua, depois da captura de Marigny, 28 de julho (AdM).
- 30 Refugiados idosos em La Haye-du-Puits, 28 de julho (AdM).
- 31 Operação Bluecoat: o avanço, 30 de julho (IWM B8195).
- 32 Prisioneiros alemães mandados de volta a Cherbourg para serem evacuados para a Inglaterra (AdM).
- 33 Patton, Bradley e Montgomery no quartel-general do 21º Grupo de Exércitos (IWM B0006551).
- 34 Refugiados em Saint-Pois, 10 de agosto (AdM).
- 35 Mortain depois da destruição, 13 de agosto (NA).
- 36 Dois canadenses avançam em Falaise, 16 de agosto (IWM NYT4974).
- 37 Estrada aberta em meio à destruição do bolsão de Falaise (IWM KY482458).
- 38 A ponta de lança de Patton, com caça-tanques atravessando o Sena por um pontilhão (IWM KY482458).
- 39 Três combatentes da Resistência no Quartier Latin, 22 de agosto de 1944, foto de Jean e Albert Séeberger (© Foto Séeberger Frères, cortesia de Frédéric Séeberger).
- 40 Uma parisiense beija um dos *fusiliers marins* do general Leclerc, 25 de agosto de 1944, foto de Robert Doisneau (© Robert Doisneau/Rapho/Eyedea/Camera Press London).
- 41 O general Von Choltitz assina a rendição de Paris, 25 de agosto (© Bettmann/Corbis).
- 42 O general De Gaulle e Leclerc na Gare Montparnasse, 25 de agosto (IWM BU158).

MAPAS

Primeira guarda: A invasão, 6 de junho

Tropas Aeroterrestres Britânicas, 6 de junho	67
Tropas Aeroterrestres Americanas e praia Utah, 6 de junho	78
Praia Omaha, 6 de junho	102
Praia Gold, 6 de junho	140
Praias Juno e Sword, 6 de junho	145
Villers-Bocage, 11 a 14 de junho	201
Península de Cotentin e tomada de Cherbourg, 10 a 28 de junho	222

Operação Epsom, 26 de junho a 1º de julho	239
A frente de batalha da Normandia no final de junho	248
Frente de batalha do I Exército americano, 3 de julho	254-5
Ataque a Saint-Lô, 11 e 12 de julho	294
Operação Goodwood, 18 a 20 de julho	321
Operação Cobra, 25 de julho a 1º de agosto	354
Operação Bluecoat, 30 de julho a 7 de agosto	378
Contra-ataque de Mortain, 6 a 12 de agosto	411
Operação Totalize, 7 a 10 de agosto	432
O Bolsão de Falaise	470-1

Segunda guarda: O avanço aliado na Bretanha e no Sena

CRÍTICA

CRÍTICA

GLOSSÁRIO

Para ajudar a esclarecer a distinção entre as divisões alemãs e aliadas no texto, refiro-me, respectivamente, à 352ª Divisão de Infantaria (alemã) ou à 90ª Divisão de Infantaria (dos Estados Unidos). Aqui, naturalmente, a versão alemã é um tanto híbrida; em alemão, seu nome seria 352. Infanterie-Division.

Quanto aos regimentos, é bom lembrar que os britânicos e canadenses envolvem um único batalhão. Já os americanos e alemães costumavam incluir três batalhões e eram do tamanho de brigadas.

BCRA: Bureau Central de Renseignements et d'Action, serviço de operações secretas e especiais do general De Gaulle, comandado pelo coronel André Dewavrin, conhecido pelo *nom de guerre* de "Passy".

bocage: Nome do denso interior normando, com campos pequenos cercados de sebes espessas sobre grossos canteiros, muitas vezes com caminhos escavados entre elas.

colaboracionista: Pessoa que colabora com o inimigo que ocupa território em seu país. Os franceses que colaboravam os alemães na Segunda Guerra Mundial eram chamados de colaboracionistas.

DUKW: Viatura americana anfíbia de transporte de tropas montada pela General Motors.

FFI: Forces Françaises de l'Intérieur, ou Forças Francesas do Interior, organização da Resistência, semelhante a um exército, sob o comando do general Koenig, em Londres.

Fifi: Gíria que significa "integrante das FFI".

FTP: Franch-tireurs et Partisans, franco-atiradores e guerrilheiros, a parte da Resistência comandada pelos comunistas.

Hiwi: Abreviação alemã de *Hilfsfreiwillige*, ou voluntário. Eram, principalmente, prisioneiros de guerra soviéticos, coagidos pela fome dos campos de prisioneiros a servir como auxiliares no Exército alemão. Alguns se tornaram fidelíssimos aos seus senhores alemães. Os capturados pelos aliados foram devolvidos a Stálin. Alguns foram fuzilados, mas a maioria morreu em campos de trabalho.

Jäger: Equivalente, no Exército alemão, aos *chasseurs*, caçadores ou infantaria leve.

Jedburgh: Grupos americanos, britânicos e franceses de três homens, dois oficiais e um operador de rádio, lançados de paraquedas na França antes e durante a batalha da Normandia. Sua tarefa era treinar e orientar os grupos da Resistência.

Kübelwagen: Fabricado pela Volkswagen, era o jipe levemente maior e mais pesado da Wehrmacht.

LCT: Landing Craft Tank, ou barça de desembarque de tanques.

LST: Landing Ship Tank, ou navio de desembarque de tanques (às vezes chamado pela tripulação de Large Stationary Target, grande alvo estacionário).

Landser: Infante ou soldado comum da infantaria alemã; mais usado para indicar um infante com experiência na linha de frente.

Luftlande: Como em 91ª Luftlande-Division: divisão alemã treinada para pousar com planadores e apoiar as unidades de paraquedistas, ou *Fallschirmjäger*.

OB West: Oberbefehlshaber West, ou comandante em chefe do Oeste. Esse era o nome do quartel-general do marechal de campo Gerd von Rundstedt (e, mais tarde, do Generalfeldmarschall Von Kluge) em Saint-Germain-en-Laye, junto de Paris.

OKH: Oberkommando des Heeres, Estado-Maior do Exército alemão, que, em termos práticos, era responsável pela frente oriental.

OKW: Oberkommando der Wehrmacht, Estado-Maior da Wehrmacht, que dirigia todos os outros teatros de operações, principalmente o OB West durante a batalha da Normandia.

ORA: Organisation de Résistance de l'Armée, ou Organização de Resistência do Exército. Ala mais conservadora da Resistência, nascida entre os soldados franceses permitidos pelo Armistício, que criaram os seus próprios grupos depois da reocupação alemã da zona desmilitarizada, em novembro de 1942.

OSS: Office of Strategic Services, Escritório de Serviços Estratégicos, contrapartida americana da SOE.

Ost-Battalion: Batalhão formado de *Ostruppen*.

Ostruppen: “Soldados orientais”, ex-prisioneiros do Exército Vermelho capturados pelos alemães, a maioria do ROA do general Vlasov, que serviam na França com farda alemã, comandados por cabos, sargentos e oficiais alemães.

Panzerfaust: Lançador de rojões e granadas, simples, eficaz e usado ao ombro, produzido em massa para a infantaria alemã.

Peep: Gíria para jipe.

PIAT: Projector Infantry Anti-Tank, lançador de rojões antitanque de infantaria, equivalente britânico da bazuca.

RAF: Royal Air Force (Força Aérea Real), criada durante a Primeira Guerra Mundial, teve papel importante nas operações da Segunda Guerra.

ROA: Rosskaia Osvoboditel'naia Armia, Exército de Libertação Russa, formado por ex-soldados do Exército Vermelho comandados pelo general Andrei Vlasov.

SAS: Special Air Service, tropas especiais britânicas organizadas em duas brigadas para a invasão da Europa, que incluíam unidades e subunidades francesas e de outras nacionalidades.

SHAEF: Supreme Headquarters Allied Expeditionary Force, ou Supremo Quartel-General da Força Expedicionária Aliada

SOE: Special Operations Executive, agência de operações especiais, entidade criada por Churchill em 1940 para promover a resistência na Europa ocupada pelos alemães.

Veja a tabela de comparação de postos militares dos Exércitos americano, britânico e alemão, assim como das Waffen-SS, em www.antonybeevor.com

A DECISÃO

Southwick House é uma construção grande, típica do início do século XIX na Inglaterra, com acabamento em estuque e colunas na fachada. Oito quilômetros ao sul, a base naval de Portsmouth e os ancoradouros além dela estavam repletos de embarcações de todos os tipos e tamanhos: navios de guerra cinzentos, barcos de transporte e centenas de barcas de desembarque, todos atracados. O Dia D estava marcado para a segunda-feira, 5 de junho, e o embarque já havia começado.

Em tempos de paz, Southwick House poderia servir de cenário para uma festa de Agatha Christie, mas a Marinha Real britânica a ocupara em 1940. Agora, o jardim antes bonito e o bosque nos fundos eram enfeados por filas de abrigos Nissen, barracas de campanha e caminhos cobertos de cinzas. Southwick servia de quartel-general do almirante Sir Bertram Ramsay, comandante em chefe da Marinha para a invasão da Europa, e também como posto de comando avançado do SHAEF. As baterias antiaéreas na serra de Portsdown estavam posicionadas para defender da Luftwaffe a casa e as docas mais abaixo.

O sul da Inglaterra vinha gozando de uma onda de calor somada à seca. Em 29 de maio, registraram-se temperaturas de 38° C, mas a equipe meteorológica ligada ao quartel-general de Dwight D. Eisenhower logo ficou inquieta. O grupo era comandado pelo Dr. James Stagg, escocês alto e esguio, de rosto bastante magro e bigode bem aparado. Stagg, principal especialista civil em clima do país, acabara de receber o posto de coronel da RAF para ter autoridade necessária num meio militar pouco acostumado a pessoas de fora.

Desde abril, Eisenhower vinha testando Stagg e sua equipe pedindo que, às segundas-feiras, fossem feitas previsões para os próximos três dias que seriam depois conferidas durante a semana. Na quinta-feira, 1º de junho, véspera do dia em que os encouraçados deveriam zarpar de Scapa Flow, na extremidade noroeste da Escócia, as estações meteorológicas indicavam a formação de depressões profundas no Atlântico Norte. O mar revolto no Canal da Mancha poderia inundar as barcas de desembarque, sem falar no efeito sobre os soldados amontoados a bordo. As nuvens baixas e a má visibilidade constituíam outra grande ameaça, já que os desembarques dependiam da capacidade das forças aéreas e marinhas aliadas de destruir as posições defensivas e as baterias costeiras alemãs. O embarque geral para a primeira onda de 130 mil soldados estava a caminho e devia completar-se dali a dois dias.

Stagg se atormentava com a falta de concordância entre os vários departamentos de meteorologia britânicos e americanos. Todos recebiam os mesmos relatórios das estações meteorológicas, mas a análise dos dados simplesmente não combinava. Incapaz de admitir isso, teve de dizer ao general de brigada Harold R. Bull, subchefe do Estado-Maior de Eisenhower, que “a situação é complexa e difícil”.

— Pelo amor de Deus, Stagg — explodiu Bull. — Resolva isso aí até amanhã de manhã antes de ir à reunião do comandante supremo. O general Eisenhower está preocupadíssimo. — Stagg voltou ao seu barracão Nissen para estudar atentamente os mapas e consultar mais uma vez os outros departamentos.

Eisenhower tinha outras razões para o “nervosismo pré-Dia D”. Embora parecesse calmo, com o famoso sorriso aberto para todos, fosse qual fosse o posto, vinha fumando até quatro maços de cigarros Camel por dia. Acendia um, deixava-o aceso no cinzeiro, punha-se de pé, andava um pouco e acendia outro. As xícaras constantes de café não ajudavam em nada os nervos.

Adiar a invasão acarretaria muitos riscos. Com o mau tempo, os 175 mil soldados das duas primeiras ondas não poderiam ficar engaiolados nos navios e barcas de desembarque sem perder o ardor do combate. Os encouraçados e comboios prestes a descer o litoral britânico até o Canal da Mancha não poderiam dar meia-volta mais do que uma vez sem abastecer. E a possibilidade de que os aviões de reconhecimento alemães os avistassem aumentaria enormemente.

O sigilo sempre fora a maior preocupação. Boa parte do litoral sul estava coberta de campos militares alongados, conhecidos como “linguiças”, nos quais,

supostamente, os soldados da invasão estavam isolados do contato com o mundo exterior. Entretanto, vários soldados vinham escapulindo por debaixo do arame farpado para um último drinque no bar ou para ver suas esposas e namoradas. A possibilidade de vazamento, em todos os níveis, era incalculável. Um general da força aérea americana fora mandado de volta, em desgraça, depois de citar a data da Operação Overlord num coquetel, em Claridges. Agora, surgia o medo de que a ausência dos jornalistas britânicos chamados para cobrir a força invasora na Fleet Street, rua onde se localizavam as sedes dos principais jornais do país, pudesse ser notada.

No Reino Unido, todos sabiam que o Dia D era iminente, e os alemães também, mas era preciso evitar que o inimigo soubesse exatamente onde e quando. Desde 17 de abril, impusera-se a censura à comunicação de diplomatas estrangeiros e o movimento para dentro e fora do país passara a ser estritamente controlado. Felizmente, o serviço de segurança britânico capturara todos os agentes alemães em território britânico. A maioria deles fora “solta” para mandar a seus controladores informações enganosas. Esse sistema em “duplo X”, supervisionado pelo Comitê Duplo X, foi criado para produzir “ruído” e confusão como parte fundamental do Plano Fortitude. Era a campanha de desinformação mais ambiciosa da história da guerra, projeto ainda maior que a *maskirovka* então preparada pelo Exército Vermelho para esconder o verdadeiro alvo da Operação Bagration, a ofensiva de verão de Stálin para cercar e esmagar o Grupo de Exércitos do Centro da Wehrmacht, na Bielorrússia.

O Plano Fortitude tinha várias frentes. O Fortitude Norte, com formações falsas na Escócia, baseadas num “IV Exército britânico”, fingia preparar um ataque à Noruega para manter lá as divisões alemãs. O Fortitude Sul, que constituía o esforço principal, pretendia convencer os alemães de que possíveis desembarques na Normandia seriam uma ação diversionária em grande escala para afastar as reservas alemãs do Passo de Calais. A verdadeira invasão aconteceria supostamente entre Boulogne e o estuário do Somme, na segunda metade de julho. O ficcional “Primeiro Grupo de Exércitos americano”, sob o comando do general George S. Patton, o comandante que os alemães mais temiam, gabava-se de ter onze divisões no sudeste da Inglaterra. Aviões de mentira e blindados infláveis, além de 250 navios de desembarque falsos, contribuíam para a ilusão. Formações foram inventadas, como a 2ª Divisão Aeroterrestre britânica, ao lado de outras reais. Para aumentar a ilusão, dois quartéis-generais de equipe falsa também mantinham comunicação constante pelo rádio.

Um dos agentes duplos mais importantes que trabalhou para o serviço secreto britânico no plano Fortitude Sul foi o catalão Juan Pujol, de codinome “Garbo”. Com seu contato no serviço de segurança, Pujol construiu uma rede de 27 subagentes totalmente inventados e bombardeou a agência de espionagem alemã em Madri com informações cuidadosamente preparadas em Londres. Cerca de quinhentas mensagens de rádio foram enviadas nos meses que precederam o Dia D. Elas forneceram detalhes que, juntos, formaram aos poucos o mosaico que o Comitê Duplo X montava para convencer os alemães de que o principal ataque aconteceria mais tarde, no Passo de Calais.

Também foram imaginadas outras simulações secundárias para impedir que os alemães levassem tropas de outras regiões da França para a Normandia. O Plano Ironside dava a impressão de que, duas semanas depois dos primeiros desembarques, uma segunda invasão seria realizada no litoral oeste da França, vinda diretamente dos Estados Unidos e dos Açores. Para manter os alemães em dúvida e impedir que deslocassem a 11ª Panzer-Division, estacionada perto de Bordéus, para o norte, rumo à Normandia, uma agente controlada na Inglaterra, conhecida como “Bronx”, enviou uma mensagem em código para seu controlador alemão no Banco Espírito Santo, em Lisboa: “*Envoyez vite cinquante livres. J’ai besoin pour mon dentiste*”. [Envie depressa cinquenta libras. Preciso pagar o dentista.] Com isso, ela indicava que “um desembarque ocorreria na Baía de Biscaya, por volta de 15 de junho”. Temendo o desembarque na Bretanha, a Luftwaffe ordenou a destruição imediata de quatro campos de pouso próximos ao litoral. Outra ação diversionária, a Operação Copperhead, foi montada no final de maio, quando um ator parecido com o general Montgomery visitou Gibraltar e Argel para sugerir um ataque ao litoral mediterrâneo.

Bletchley Park, o complexo secretíssimo situado uns 80 quilômetros a noroeste de Londres que decodificava as mensagens inimigas, adotou, a partir de 22 de maio, um novo sistema de vigilância para a Operação Overlord. Seus especialistas estavam a postos para decodificar qualquer coisa importante assim que chegasse. Graças às mensagens interceptadas pelo Ultra, eles também conseguiram verificar o sucesso da campanha de desinformação do Plano Fortitude realizada pelos principais agentes do Duplo X, Pujol, Dusko Popov (“Triciclo”) e Roman Garby-Czerniawski. Em 22 de abril, Bletchley decodificou uma mensagem alemã que identificava o “IV Exército”, com quartel-general perto de Edimburgo e composto por dois corpos em Stirling e Dundee. Outras

mensagens mostravam que os alemães acreditavam que a Divisão Lowland vinha sendo preparada para o ataque à Noruega.

Em maio, as mensagens decifradas pelo Ultra revelaram que os alemães tinham realizado um exercício contra a invasão com base no pressuposto de que os desembarques ocorreriam entre Ostend e Boulogne. Por fim, em 2 de junho, Bletchley pôde relatar: “Últimos indícios mostram que o inimigo considera terminados os preparativos aliados. Aguarda desembarque inicial na Normandia ou Bretanha seguido por grande ataque ao Passo de Calais.” Parecia que os alemães tinham mesmo engolido o Plano Fortitude.

Em 2 de junho, de manhã cedo, Eisenhower mudou-se para um trailer escondido sob redes de camuflagem no parque de Southwick. Ele o apelidou de “minha carroça de circo” e, quando não estava em reunião nem visitando as tropas, tentava relaxar fumando e lendo livros de faroeste no beliche.

Às 10 horas da manhã daquela sexta-feira, na biblioteca de Southwick House, Stagg apresentou a última avaliação meteorológica a Eisenhower e aos outros comandantes em chefe reunidos. Devido à discordância constante entre os colegas, principalmente os muito otimistas meteorologistas americanos do SHAEF, teve de manter seu profético pronunciamento. Ele sabia que, na reunião da noite, teria de dar uma opinião clara sobre a piora do tempo prevista para o final de semana. A decisão de prosseguir ou adiar a investida deveria ser tomada muito em breve.

Na mesma reunião, o tenente-brigadeiro Sir Trafford Leigh-Mallory, comandante em chefe da Força Aérea, delineou o plano “para criar um cinturão de rotas bombardeadas passando por vilas e cidades pequenas, para assim prevenir ou impedir o movimento das formações inimigas”. Perguntou se tinha liberdade para prosseguir, “tendo em vista as baixas civis que resultarão”. Eisenhower anunciou sua aprovação “como necessidade operacional”. Foi decidido que seriam jogados folhetos para avisar os franceses.

O destino dos civis franceses era apenas uma das muitas preocupações. Como comandante supremo, Eisenhower tinha de equilibrar rivalidades políticas e pessoais, mantendo ao mesmo tempo a sua autoridade dentro da aliança. Tinha a simpatia do marechal de campo Sir Alan Brooke, chefe do Estado-Maior Imperial, e do general Sir Bernard Montgomery, comandante em chefe do 21º Grupo de Exércitos, mas nenhum dos dois o tinha em alta conta como soldado.

“Não há dúvida de que Ike faz o máximo possível para manter as melhores relações entre os britânicos e os americanos”, escreveu Brooke em seu diário, “mas também é evidente que não sabe nada de estratégia e é *bem* inadequado para o cargo de comandante supremo no que diz respeito a conduzir a guerra.” Depois da guerra, a avaliação tipicamente concisa de Monty sobre Eisenhower foi: “Sujeito legal, soldado, não”.

Com certeza, eram opiniões injustas. Eisenhower demonstrou boa capacidade de avaliação em todas as decisões importantes na invasão da Normandia, e seu talento diplomático manteve unida uma coalizão indisciplinada. Só isso já constituía uma façanha considerável. Mais tarde, o próprio Brooke admitiu que “os óculos nacionais distorcem a perspectiva da paisagem estratégica”. E ninguém, nem mesmo o general George C. Patton, era tão difícil de lidar quanto Monty, que tratava o comandante supremo com escasso respeito. Na primeira reunião, repreendeu Eisenhower por fumar em sua presença. Eisenhower era um homem grande demais para levar esse tipo de coisa a sério, mas muitos subordinados americanos acharam que ele devia ter sido mais duro com o britânico.

O general Montgomery, apesar das qualidades consideráveis de militar extremamente profissional e excelente treinador de soldados, sofria de um excesso de amor-próprio extraordinário, quase certamente oriundo de algum tipo de complexo de inferioridade. Em fevereiro, referindo-se à famosa boina, dissera ao secretário particular do rei Jorge VI: “Meu chapéu vale três divisões. Os homens o veem a distância. Dizem ‘Lá está Monty’, e aí combatem qualquer um”. Sua falta de modéstia era quase cômica, e os americanos não eram os únicos a acreditar que sua fama fora inflada pela imprensa britânica, que o adorava. Como observou Basil Liddell Hart? “Talvez Monty seja mais popular entre os civis do que entre os soldados”.

Montgomery tinha um talento dramático extraordinário, o que costumava irradiar confiança para os seus soldados, mas nem sempre recebia uma reação extasiada. Em fevereiro, quando disse ao Regimento de Infantaria Leve de Durham que eles estariam na primeira onda da invasão, ouviu-se um gemido alto. Os soldados tinham acabado de retornar da luta no Mediterrâneo e recebido poucas licenças. Achavam que outras divisões que nunca tinham saído da Inglaterra deveriam ocupar seu lugar. “Os malditos de Durham de novo”, foi a reação. “São sempre os malditos de Durham.” Quando Montgomery foi embora, as fileiras de soldados deveriam correr para saudá-lo na estrada, mas

nenhum homem se mexeu, o que provocou muito embaraço e irritação entre os oficiais superiores.

Monty estava decidido a ter soldados experientes para enrijecer divisões ainda não testadas, mas essa ideia foi recebida com bastante ressentimento pela maioria dos veteranos do deserto. Eles tinham lutado no exterior por até quatro anos e achavam que agora era a vez dos outros, sobretudo das divisões que ainda não tinham sido enviadas a nenhum teatro de operações. Alguns regimentos do antigo VIII Exército estavam há seis anos sem ir para casa, e um ou dois tinham ficado no exterior mais tempo ainda. O ressentimento foi muito influenciado pelas esposas e namoradas em casa.

A 1ª Divisão americana, conhecida como “Big Red One”, também reclamou ao ser escolhida outra vez para ser a vanguarda do ataque a uma praia, mas sua experiência era extremamente necessária. Em 8 de maio, um importante relatório de avaliação classificara como “insatisfatórias” quase todas as outras formações americanas designadas para a invasão. Os oficiais superiores americanos entraram em ação e as últimas semanas de treinamento intensivo não foram desperdiçadas. Eisenhower sentiu-se encorajado pela melhora extraordinária e, intimamente, grato pela decisão de adiar a invasão do início de maio para o início de junho.

Havia outras tensões na estrutura do comando aliado. O vice-comandante supremo de Eisenhower, o tenente-brigadeiro Sir Arthur Tedder, detestava Montgomery, mas, por sua vez, era profundamente detestado por Winston Churchill. O general Omar Bradley, comandante do I Exército americano, que vinha de uma família pobre de agricultores do Missouri, não parecia muito marcial com sua “expressão roceira” e os óculos doados pelo governo. Mas Bradley era “pragmático, tranquilo, aparentemente sem ambições, um tanto obtuso, nem extravagante nem ostentatório, e nunca eriçava as penas”. Era também um comandante astuto, movido pela necessidade de fazer o serviço. Por fora, tratava Montgomery com respeito, mas os dois não poderiam ser mais diferentes.

Bradley se relacionava muito bem com Eisenhower, mas não tinha a mesma tolerância do chefe para com o incontrolável George Patton. De fato, Bradley mal conseguia esconder a desconfiança intensa que sentia por aquele cavalariano sulista excêntrico. Patton, homem temente a Deus e famoso pela linguagem suja, gostava de falar aos soldados em termos provocadores. “Agora,

quero que não se esqueçam”, disse ele uma vez, “nunca, nenhum desgraçado ganhou uma guerra morrendo pelo seu país. A gente ganha quando faz os coitados dos desgraçados do outro lado morrerem pelo país *deles*.” Não há dúvida de que, sem o apoio de Eisenhower nos momentos decisivos, Patton jamais teria a oportunidade de criar tanta fama na campanha próxima. A capacidade de Eisenhower de manter unida uma equipe tão disparatada foi um feito extraordinário.

A disputa mais recente, produzida inteiramente pelo nervosismo do Dia D, devia-se ao tenente-brigadeiro Leigh-Mallory. Leigh-Mallory, que “irritava todo mundo”, até mesmo Eisenhower, convenceu-se de repente de que as duas divisões aeroterrestres americanas que seriam lançadas de paraquedas na península de Cotentin sofreriam um massacre. Ele insistiu repetidamente no cancelamento desse elemento fundamental do plano da Operação Overlord para proteger o flanco oeste. Eisenhower disse a Leigh-Mallory que pusesse por escrito os seus temores. Ele o fez e, depois de atenta consideração, Eisenhower os rejeitou, com o total apoio de Montgomery.

Eisenhower, apesar do estado de nervos e da responsabilidade assustadora que acumulava, adotou, sabiamente, uma atitude filosófica. Fora escolhido para tomar as decisões finais, então tinha de tomá-las e enfrentar as consequências. A maior decisão, como sabia muito bem, estava prestes a ser tomada. De forma bastante literal, dela dependia o destino de vários milhares de vidas de soldados. Sem nada dizer nem aos auxiliares mais próximos, Eisenhower preparou um pequeno discurso a fazer em caso de fracasso. “Os desembarques na área de Cherbourg-Havre não conseguiram conquistar uma base satisfatória e ordenei a retirada dos soldados. A minha decisão de atacar nessa hora e nesse lugar baseou-se nas melhores informações disponíveis. Os soldados, a Força Aérea e a Marinha fizeram tudo o que a bravura e a devoção ao dever poderiam conseguir. Se houve culpa ou erro na tentativa, cabem apenas a mim.”

Embora nem Eisenhower nem Bradley pudessem admitir, a mais difícil das cinco praias de desembarque seria Omaha. A praia, objetivo da 1ª e da 2ª Divisões de Infantaria americanas, fora alvo do minucioso reconhecimento realizado por uma equipe britânica do COPP, Combined Operations Beach Reconnaissance and Assault Pilotage Parties (Grupo de Operações Combinadas de Pilotagem de Assalto e Reconhecimento de Praias). Na segunda metade de janeiro, o minissubmarino X-20 tinha sido rebocado por uma traineira armada até perto do litoral da Normandia. O general Bradley solicitara que,

depois de verificar as praias escolhidas para as tropas britânicas e canadenses, o COPP também examinasse Omaha para confirmar que era bastante firme para os tanques. O capitão sapador Scott-Bowden e o sargento Bruce Ogden-Smith, da Seção de Embarcações Especiais, nadaram até a praia armados apenas com uma faca de caça e uma pistola automática Colt .45. Levavam também uma broca de 45 centímetros para cavar e uma cartucheira com recipientes para pôr as amostras. O mar estava incomumente calmo e, por pouco, eles escaparam de ser descobertos por sentinelas alemãs.

No dia seguinte ao seu retorno, Scott-Bowden foi convocado por um contra-almirante a ir a Londres e chegou à Norfolk House, na praça de Saint James, pouco depois do almoço. Lá, numa longa sala de jantar com mapas cobertos por cortinas nas paredes, viu-se diante de seis almirantes e cinco generais, entre eles o general Bradley. Este interrogou-o cuidadosamente sobre a capacidade de suporte da praia. “Senhor, espero que não se importe que eu diga isso”, informou-lhe Scott-Bowden pouco antes de ir embora, “mas essa praia é uma proposta realmente terrível, e haverá baixas tremendas.” Bradley lhe pôs a mão no ombro e disse: “Eu sei, meu filho, eu sei”. Simplesmente, Omaha era a única praia possível entre o setor britânico, à esquerda, e a praia Utah, à direita.

Assim que as tropas da invasão partiram para o embarque, a população civil correu para se despedir. “Quando partimos”, escreveu um jovem mecânico americano que fora hospedado por uma família inglesa, “[eles] choraram como se fossem nossos pais. Foi muito comovente. Parecia que o público em geral sabia muito bem o que estava acontecendo.”

É claro que era impossível manter o sigilo. “Quando passamos por Southampton”, escreveu um soldado britânico de um regimento blindado, “o povo nos preparou uma recepção maravilhosa. Toda vez que parávamos, éramos sobrecarregados de xícaras de chá e bolos, para desgosto da Polícia do Exército que escoltava a coluna com ordens estritas de impedir todo e qualquer contato entre civis e soldados.”

A maioria dos soldados foi transportada em viaturas do Exército, mas algumas unidades britânicas marcharam, as botas ferradas soando em uníssono na estrada. Os mais velhos, nos jardins diante das casas, muitas vezes assistindo com lágrimas nos olhos, não puderam deixar de pensar na geração anterior que marchara para as trincheiras de Flandres. Os capacetes tinham formato parecido, mas a farda

era diferente. E os soldados não usavam mais a perna envolta em faixas. Em vez disso, usavam polainas de lona que combinavam com o resto dos acessórios, como o cinto, as correias, as cartucheiras e a mochila. O fuzil e a baioneta também tinham mudado, mas não o bastante para a diferença ser perceptível.

Os soldados sentiram que o Dia D devia estar próximo quando foram oferecidas licenças de 24 horas. Para os menos entusiasmados, essa seria a última oportunidade de sumir ou se embriagar. No período pré-invasão, houve muitos casos de soldados que não voltaram da licença, mas relativamente poucas deserções. A maioria retornou ao serviço para “estar com os camaradas” quando a invasão começou. Pragmáticos, os oficiais comandantes não quiseram perder seus homens mandando-os para a cadeia. Deixaram a cargo do indivíduo redimir-se na batalha.

De repente, os soldados notaram que os oficiais ficaram muito mais solícitos com os homens. Houve sessões de cinema nos campos fechados. As rações de cerveja ficaram mais generosas e música dançante tocava nos alto-falantes. Os mais cínicos perceberam que os subtenentes do almoxarifado tinham ficado generosos de repente, um péssimo sinal. O poeta Keith Douglas, de 24 anos, capitão da Yeomanry¹ dos Rangers de Sherwood, escreveu a Edmund Blunden, poeta da guerra anterior: “Já me engordaram para o massacre e estou só esperando que comece”. Douglas foi um dos muitos homens a abrigar uma forte sensação de morte iminente e a falar a respeito com os amigos mais íntimos. É espantoso quantos deles estavam certos, mas talvez essa crença tenha sido apenas uma profecia que causou o próprio cumprimento. Douglas foi à procissão da igreja no último domingo. Depois, deu uma volta com o capelão do regimento, que recordou que Douglas aceitara a morte que se aproximava e que sua postura não era mórbida. Diante de um colega oficial, ele se mostrou fatalista, porque sentia ter usado o seu quinhão de sorte na guerra do deserto.

Quase todos detestavam a espera e torciam para que o pior acabasse logo. “Todos estão tensos e fingem estar à vontade”, comentou um soldado de infantaria americano. “A bravata ajuda”, acrescentou. Muitos pensaram nas namoradas. Alguns casaram-se às pressas, para garantir que elas recebessem pensão caso o pior acontecesse. Um soldado americano juntou todo o seu soldo e o mandou a um joalheiro, para que a noiva inglesa pudesse escolher a

1 As unidades da Yeomanry se originaram de regimentos voluntários de cavalaria formados por *yeomen*, pequenos proprietários rurais ingleses, no final do século XIX. (N. T.)

aliança de casamento para quando ele voltasse. Foi uma época de intensa emoção pessoal. “As mulheres que vieram se despedir dos seus homens”, observara pouco antes um jornalista, “quase sempre andam até a pontinha da plataforma para os últimos acenos cuidadosamente sorridentes quando o trem se afasta.”

Alguns homens desmoronaram com a tensão. “Certa noite”, registrou um soldado da 1ª Divisão de Infantaria americana, “um dos soldados vestiu duas cartucheiras de munição, pegou as granadas de mão, um fuzil e partiu. Ninguém o viu fazer isso, mas assim que foi descoberto, organizou-se um grupo de busca. O grupo o encontrou. Ele se recusou a desistir e foi morto. Nunca soubemos se apenas não queria morrer na praia ou se era um espião. Seja o que for, foi burrice. Foi a morte certa contra o talvez.” Talvez tenha sentido uma premonição do que o aguardava em Omaha.

Naquela noite de sexta-feira, enquanto tanques e soldados ainda eram embarcados nos navios de transporte, o coronel Stagg conferiu mais uma vez, por linhas seguras de telefone, os outros centros meteorológicos. Tinha de fazer um relatório definitivo na reunião que começaria às 21h30, mas ainda não havia concordância. “Se não estivesse carregada de tamanho potencial de tragédia, toda aquela história seria ridícula. Em menos de meia hora, eu teria de apresentar ao general Eisenhower uma previsão ‘conjunta’ para os próximos cinco dias que cobrisse o período de lançamento da maior operação militar já organizada: entre os especialistas que participavam da discussão, não havia dois que concordassem no tempo provável nem nas próximas 24 horas.”

Discutiram e discutiram até que o tempo acabou. Stagg correu para a biblioteca da casa principal para apresentar o relatório aos principais comandantes da Operação Overlord.

— Então, Stagg? — perguntou Eisenhower. — O que tem para nós desta vez?

Stagg sentiu-se compelido a seguir o instinto e deixar de lado as opiniões mais otimistas de seus colegas americanos de Bushey Park.

— Nos últimos dias, a situação toda, das Ilhas Britânicas até a costa do Canadá, se transformou e agora está potencialmente ameaçadora. — Enquanto ele entrava em detalhes, vários oficiais superiores, um tanto perplexos, espivavam pela janela o lindo pôr do sol.²

2 Ainda havia luz porque estavam trabalhando no horário de verão britânico.

Depois de perguntar sobre o tempo para o lançamento de tropas aeroterrestres, Eisenhower sondou melhor a situação provável em 6 e 7 de junho. De acordo com Tedder, houve uma pausa significativa.

— Se eu respondesse a isso, senhor — respondeu Stagg —, estaria adivinhando e não me comportando como seu assessor meteorológico.

Stagg e o coronel D.N. Yates, seu colega americano, se retiraram, e logo o general Bull veio avisar-lhes que não haveria mudança de planos para as próximas 24 horas. Quando voltaram ao alojamento, os dois homens souberam que os primeiros navios já tinham partido dos ancoradouros. Stagg não pôde deixar de lembrar a piada de humor negro que o general de divisão Sir Frederick Morgan, principal planejador do início da Operação Overlord, lhe fizera: “Boa sorte, Stagg. Que todas as suas depressões sejam pequenas, mas não se esqueça: vamos enforcá-lo no poste mais próximo se você não ler direito os presságios”.

Na manhã do dia seguinte, sábado, 3 de junho, as notícias não podiam ser piores. A estação meteorológica de Blacksod Point, no oeste da Irlanda, acabara de avisar que o barômetro caía rapidamente, com ventos de força seis. Stagg sentiu-se “quase fisicamente enjoado” com os mapas do clima e a maneira como as equipes ainda analisavam os mesmos dados de maneira diferente. Naquela noite, às 21h30, ele e Yates foram convocados. Entraram na biblioteca, as prateleiras sem livros. As cadeiras do refeitório estavam arrumadas em arcos concêntricos, com os comandantes em chefe na fila da frente e os chefes do Estado-Maior e os comandantes subordinados atrás. Eisenhower, seu chefe do Estado-Maior, general Walter Bedell Smith, e Tedder estavam em três cadeiras diante da plateia.

— Cavalheiros — começou Stagg —, os temores de ontem sobre o tempo dos próximos três ou quatro dias, meus e de meus colegas, se confirmaram. — Então, ele fez uma previsão detalhada. Era uma imagem desanimadora de mar revolto, ventania de força seis e nuvens baixas. “Durante todo esse recital”, escreveu Stagg mais tarde, “o general Eisenhower ficou sentado imóvel, com a cabeça levemente inclinada, apoiada na mão, fitando-me sem parar. Todos na sala pareceram atordoados por um instante.” Não surpreende que Eisenhower se sentisse compelido a recomendar o adiamento provisório.

Não foi uma noite boa para Eisenhower. O comandante Harry Butcher, seu ajudante de ordens, foi procurá-lo mais tarde com a notícia de que a Associated Press tinha divulgado uma notícia dizendo: “Tropas de Eisenhower desembarcam na França”. Muito embora a agência tivesse cancelado a notícia

23 minutos depois, ela já havia sido recebida pela CBS e pela Rádio Moscou. “Ele meio que grunhiu”, registrou Butcher em seu diário.

Quando Stagg foi para a sua barraca, por volta da meia-noite, depois de saber do adiamento provisório, era estranho olhar por entre as árvores e ver que “o céu estava quase claro e tudo em volta, tranquilo e imóvel”. Stagg não tentou dormir. Passou as primeiras horas da madrugada redigindo anotações detalhadas sobre todas as discussões. A previsão não era melhor, muito embora o céu ainda estivesse claro e houvesse pouco vento.

Às 4h15 da manhã de domingo, 4 de junho, em mais outra reunião, Eisenhower decidiu que o adiamento provisório de 24 horas combinado na noite anterior deveria permanecer. Sem apoio aéreo máximo, o risco era grande demais. Foi dada a ordem de chamar os comboios de volta. Os contratorpedeiros zarparam à máxima velocidade para buscar as barcas de desembarque que não podiam ser chamadas pelo rádio e trazê-las de volta.

Stagg, que voltara exausto à cama de campanha, ficou consternado quando acordou e viu o céu ainda claro, com pouco vento. Não conseguiu encarar os outros oficiais durante o café da manhã. Mas, mais tarde, sentiu um certo alívio envergonhado quando as nuvens e o vento começaram a aumentar, vindos de oeste.

Aquele domingo foi um dia de perguntas intermináveis. As dezenas de milhares de homens poderiam ficar confinadas nas barcas de desembarque? E o que seria de todos os navios que tinham zarpado e agora recebido ordem de voltar? Precisariam reabastecer. E se o mau tempo continuasse, a maré seria contrária. De fato, se as condições do tempo não melhorassem em 48 horas, a Operação Overlord teria se ser adiada para dali a duas semanas. Seria difícil manter segredo, e o efeito sobre o moral poderia ser devastador.